

POR DOREEN MASSEY:

SOBRE ESPAÇO, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA

*Yo canto a la chillaneja si tengo que decir algo,
Y no tomo la guitarra, por conseguir un aplauso,
Yo canto a la diferencia que hay de lo cierto a lo falso,
De lo contrario no canto.*

Yo canto la diferencia, de Violeta Parra.

A escrita sobre Doreen Massey (1944-2016) não seria mais oportuna, no atual tempo-espaço. Por isso ao homenageá-la, o convite aos leitores começa com os versos de Violeta Parra. Isso não é acidental. A geógrafa, nascida em Manchester, de saúde frágil, de classe proletária, tinha o sangue latino. Viveu a Nicarágua Sandinista, provou dos sonhos da Venezuela Chavista e seus coletivos, e por diversas vezes experimentou os múltiplos Méxicos. Falava, escrevia em espanhol perfeito, algo raro na comunidade acadêmica inglesa. Aliás, Doreen Massey nunca se doutorou, mas foi em vida reconhecida pelo rigor, criatividade e potência teórica e política. O prestígio viria em prêmios e títulos de emergência em universidades ao redor do mundo. Mulher, global, Doreen incorporou a diferença não como categoria teórica, mas como procedimento de vida. Na verdade, levou a multiplicidade ao extremo, experimentando linguagens diversas, cinema, artes plásticas, materiais didáticos, panfletos, fotografia. Doreen não se bastava com a escrita formal, da linguagem científica, de modo que criava palavras para externar o seu pensamento sobre o espaço. Por isso tudo, você, leitor/a, encontrará um Dossiê contaminado com o modo de ser dessa personagem, que inventava palavras para carregar a multiplicidade, as histórias-do-até-então, para a análise geográfica.

Em tempos de urgência para cantar a diferença, os colaboradores do Dossiê, agora apresentado, buscaram uma prosa coerente com o pensar de Doreen Massey, com interrupções não usuais no texto acadêmico. Em to-

dos os artigos, os colaboradores oferecem suas leituras de Doreen, vividamente. Rogério, o único quem conviveu com Doreen, procurou com o *Lugares que fazem diferença: encontros com Doreen Massey* textualizar o seu método e sua abordagem espacial, cuidadosamente, articulados aos traços biográficos. Generosamente, Rogério nos retrata Doreen para nos dar a dimensão viva do seu modo de pensar/agir. Joseli, com Márcio e Alides apresentam o enlace entre o feminismo e a geografia, dois pilares fundantes da sua produção teórica, em "*Não me chame de senhora, eu sou feminista! Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey*". Joseli, em especial, registrou o texto como uma dívida à Doreen. Para Joseli, a condição feminista de Doreen anima o seu modo de pensar. Essa é uma marca da escrita de Doreen Massey: a incomensurabilidade do político na análise espacial. De todos os colaboradores deste Dossiê, nunca conversei com Doreen, daí minha necessidade de mergulhar nas entrevistas, escritos, vídeos e imaginá-la. Para mim, o que mais me marcou foi a sua pedagogia. O meu contato com seus textos dedicados à educação a distância tornou mais evidente a face inventiva de Doreen, agora, com a finalidade didática. Esta é a minha motivação ao escrever o *O que Doreen diria sobre nós? Um ensaio sobre a pedagogia da esperança*.

Para os leitores que quiserem se aprofundar nos estudos de Doreen Massey, ao final, há as versões para o português de dois artigos: *The geographical mind* (MASSEY, 2006) e *Displacing neoliberalism* (MASSEY e RUSTIN, 2015). O primeiro, cuja versão original era uma conferência aos Professores da Educação Básica na Inglaterra, é um texto que pode ser lido como um manifesto de defesa pela geografia escolar. Doreen empodera o ensinar e o aprender a Geografia, ao refletir sobre o que seria uma "mente geográfica". Agradecemos ao Dr. Allan Kinder e à

Geographical Association por permitirem gratuitamente a reprodução deste artigo. *Displacing neoliberalism* (incomodamente traduzido aqui como “Demovendo o neoliberalismo”) é o último capítulo do livro *After neoliberalism? The Kilburn Manifesto*, um dos últimos projetos de Doreen escrito em parceria entre Michael Rustin e Stuart Hall. O Manifesto Kilburn (bairro londrino onde ela vivia) nasce da inquietação dos colaboradores da revista política *Soundings* (fundada em 1995, por ela e Stuart Hall, entre outros acadêmicos e militantes) para desenhar uma agenda alternativa, ao mesmo tempo que apresenta uma análise da conjuntura da crise de 2007-8. Igualmente agradecemos ao Dr. Michael Rustin, coautor, que generosamente permitiu a versão deste capítulo para a língua portuguesa.

Este conjunto de textos não ambiciona uma síntese da produção da teórica, nem retrata a multifacetada militante. Mas, como anunciam os versos de Violeta Parra, Doreen Massey, mulher, não procurou aplausos, ao cantar a diferença. O que procuramos aqui, todos nós, foi compartilhar uma experiência Doreen, porque os tempos-espaços nos exigem uma solidariedade, diante dos danos causados por um sistema nefasto, descrente da esperança. Ao acreditar na multiplicidade, no seu (a)pelo espaço, Doreen se ocupou das trajetórias, das geografias das solidariedades, porque tinha uma crença na mudança mais profunda. Talvez, leitores/as, o principal exercício deste Dossiê seja um testemunho-homenagem à atualidade do legado de Doreen Massey.

Ana Angelita Rocha